

EDITORIAL

A Saúde Coletiva às vésperas de mais um congresso: a celebração da diversidade

Neste ano, em agosto, se realizará o congresso trienal da ABRASCO no Rio de Janeiro, que nesta edição será simultâneo ao congresso internacional de Saúde Pública. Essa importante ocasião para a comunidade de ensino, pesquisa e serviços de saúde coletiva brasileira (e mesmo internacional) favorece e demanda a reflexão sobre o próprio campo, sua história, seus caminhos e metas para o futuro.

A própria história da ABRASCO e de seus congressos é testemunha evidente de uma área em crescimento, vital e produtiva sob qualquer critério que se possa propor. Parte significativa dessa trajetória vitoriosa está na capacidade de agregação do próprio campo, que une academia e serviços, por um lado, bem como diversas disciplinas e áreas temáticas, por outro. O próprio crescimento da área, contudo, engendra desafios, que esperamos que sejam discutidos e enfrentados pelos participantes do congresso e pela própria área de Saúde Coletiva. Um deles é a tentativa de submeter exatamente a diversidade que tem caracterizado a área desde sua origem a processos disciplinarizadores, no sentido foucaultiano, para a produção de uma “normalidade” acadêmica “produtiva” mas potencialmente estéril, divorciada das realidades éticas e políticas que pautaram - e pautam - o próprio desenvolvimento técnico-científico e institucional da Saúde Coletiva.

O presente número de *Physis* é uma celebração dessa diversidade, a começar pela ausência de um tema comum, trazendo apenas artigos de demanda espontânea (a próxima edição, já em preparo, retomará o caráter temático). Esta é a nossa contribuição à celebração de um campo pluralista e aberto, em sintonia, temos certeza, com aquilo que o VIII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva e XI Congresso Internacional de Saúde Pública mostrarão ao mundo: o retrato da diversidade e tolerância que sempre nos caracterizou. Os artigos desta edição mostram, pela variedade temática e metodológica que apresentam, a força e riqueza da produção de nossa comunidade acadêmica.

No primeiro artigo desta edição, Christelle Hamel (traduzido do original francês) mostra como a discriminação e o racismo dirigido aos imigrantes

magrebinos e seus descendentes em solo francês reconstruem uma imagem do “estrangeiro machista por natureza”, efeito e causa da própria discriminação. Raça e gênero são também abordados no artigo de Flavia Motta, que nos desafia a pensar, para além do horror óbvio de um caso de estupro, na teia de relações entre raça, cultura classe e gênero, com base num estudo de caso (parte de sua tese de doutorado) cujo principal personagem era o filho de uma de suas informantes.

Amparada em Foucault, Clara Virginia Pinheiro, por sua vez, aborda como a produção técnica pela biomedicina de uma nova corporalidade, que coloca em segundo plano a experiência direta individual do próprio corpo, afeta a própria produção da identidade dos sujeitos.

Sérgio Maciel e George Kornis articulam a história de uma técnica (a ortodontia) e a experiência de um serviço (a clínica ortodôntica da UFJF) para ilustrar como o conceito de equidade, uma das pedras basilares do SUS, pode ser a alavanca para promover o acesso universal a procedimentos que ainda não são abarcados no repertório da assistência pública à saúde.

Denise Friedrich e Célia Pierantoni descrevem a organização do trabalho de equipes de saúde da família, a partir de um estudo de caso (realizado em Juiz de Fora), mostrando como a expectativa da própria população por atenção médica no modelo tradicional, por um lado, e uma série de obstáculos internos à implementação do próprio programa (como a multiplicidade de vínculos funcionais, incluindo situações de precariedade), por outro, tensionam o modelo idealizado e limitam sua resolutividade.

Rosângela Caetano, Cid Vianna, Luiz Cláudio Thuler e Vânia Girianelli comparam, num estudo de custo-efetividade, o tradicional teste de Papanicolau com técnicas alternativas para a detecção precoce do câncer de colo de útero. Concluem que, apesar dos resultados favoráveis ao primeiro, a relação custo-efetividade de algumas das alternativas poderia ser mais favorável com a adoção de preços que onerassem menos o pagador. Como os próprios autores apontam no texto, esse tipo de estudo assume cada vez maior importância estratégica para a adoção de novas práticas diagnósticas e terapêuticas pelo SUS.

Na seção de resenha, temos as contribuições de Flávio Leonel da Silveira, resenhando *Terror e danação na Belém do Grão-Pará*, de Jane Felipe Beltrão; Ana Teresa Venancio, que apresenta *O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental e instituição*, de Alan Giami; Cibele Osawa, comentando *O caminho*

que o dekassegui sonhou (dekassegui no yumê-ji): cultura e subjetividade no movimento dekassegui, de Percy Galimbertti; e, encerrando, meu comentário sobre *El valor de la salud: historia de la Organización Panamericana de la Salud*, de Marcos Cueto.

Um bom congresso para todos os nossos leitores!

KENNETH ROCHEL DE CAMARGO JR.